

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº01 MAIO - PORTO VELHO, 2001
Volume I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABIÓLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

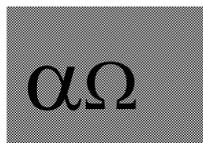
lathé biosa

1



**ANTES QUE SEJA TARDE, RETIREMOS A
UNIVERSIDADE DO GERÚNDIO**

NILSON SANTOS



Caro Leitor

O Centro de Hermenêutica do Presente tem a satisfação de apresentar sua mais recente publicação: **PRIMEIRA VERSÃO**.

Trata-se de produção indexada destinada a divulgar ensaios breves na área de Ciências Humanas.

Esta publicação prioriza:

- resultados iniciais de pesquisas, dada a importância de seu registro;
- discussões setorizados como temas de aulas, seminários e palestras.
- reflexões em torno de obras recém lançadas no mercado editorial.
- considerações teóricas de temas polêmicos da vida universitária.

A tiragem de cada edição será de 150 exemplares, distribuídos na própria universidade e encontrados também no Centro de Hermenêutica do Presente.

Por dedicar cada número a um único trabalho, sua elaboração, impressão e caráter gráfico têm uma dinâmica diferente dos periódicos da universidade. Desta forma, a **PRIMEIRA VERSÃO** pretende ser presença efervescente no cotidiano da universidade.

Além do ensaio, a publicação terá uma seção final chamada VITRINE com avisos de lançamentos de livros, informes sobre pesquisas, links importantes para consulta na internet e outros assuntos de interesse acadêmico.

As contribuições de ensaios e comunicações para a VITRINE devem ser encaminhadas por e-mail, diretamente para o editor, ou para o Conselho Editorial.

Primeira versão é uma publicação de distribuição gratuita e pode ser encontrada no hall de entrada da biblioteca do campus.

NILSON SANTOS

EDITOR

Nilson Santos

Professor de Filosofia e História da Educação

nilson@unir.br

ANTES QUE SEJA TARDE, RETIREMOS

A UNIVERSIDADE DO GERÚNDIO

Estamos atravessando dias, ou melhor, anos procurando por ventos mais lúcidos. Mas nossa paciência parece estar sendo esgotada, na mesma proporção de nosso ânimo. Procurando superar os pesadelos de uma origem mal digerida da universidade como misto de escolão de segundo grau e curso profissionalizante, e recuperada a normalidade acadêmica, ficamos pensando que viria a bonança; e confessemos: continuaremos até o último momento sonhando com isto.

Sempre foi elemento de unificação e pacificação dos espíritos discordantes a crença de que a universidade só estaria saindo do cadafalso quando estivesse carregando todas as suas energias para o ensino, para a pesquisa e para a extensão (desculpem a falta de originalidade, mas os docentes vivem esquecendo a finalidade da universidade) afinal, deveríamos encontrar TODOS os docentes ensinando e pesquisando, com os alunos aprendendo, participando e pesquisando.

E aqui começa o pântano do gerúndio, que transforma a certeza inicial em dúvida mais que sartreana, ao ouvirmos tantos: estamos estudando, estamos implementando, está sendo projetado, estamos liberando, estamos conseguindo, estamos planejando, estamos reunindo, estamos debatendo, estamos buscando, estamos consolidando, estamos viabilizando, estamos lendo, num eterno gerúndio, que nunca se materializa em tempo verbal algum.

Em tempos de pós modernidade onde nada é sólido, tudo está desmanchado ou melhor desmanchando; ao menos desta forma podemos sentir que estamos participando da “Pós” Modernidade, vivendo as glórias da vanguarda!

Até quando vamos ficar andando em cima do muro da mesmice, sem um divisor de águas sólido?

Ao nos despojarmos das gosmentas palavras de ordem deveríamos ter posto a criação para ficar fomentando coisas novas, mas o tempo acabou trazendo um corpo sem forma, sem vontade, sem alma, sem sonho, sem nada para professar ou professorar.

Até quando vamos continuar dependentes do voluntarismo bem intencionado, que acaba construindo tão pouco?

Por enquanto só há uma resposta uníssona: estamos estudando.

Lembremos que se no Gênesis alguém tivesse afirmado: estamos fazendo, teríamos até hoje um projeto inacabado.

Este bálsamo que vai encobrimo nossos sabidos e pretendendo fazer sarar as feridas da vontade, acaba cansando e calando os descontentes que se vão, ficando a plena sensação de paz, a verdadeira “pax romana”, onde nada acontece. Aliás, há anos nada está acontecendo, a não ser uma ou outra patetada buscando um poleiro à desocupar.

Deveria estar sendo alvo de nossas reflexões a procura não só destas perguntas sem resposta, mas a identificação da engrenagem que está nos emperrando, mastigando nosso juízo, lobotomizando alunos e professores. Porém o grau de dificuldade para tal movimento está parecendo ser parte da resposta.

É muito fácil elaborar um discurso identificando o mal que habita fora, ele é visível, personificado por vezes, tem nome, é passível de ser neutralizado, mas quando estamos fazendo parte dele, quando nos vemos comungando com ele, quando estamos sendo ele, é pouco provável que se consiga tal abstração, afinal, a mão que estaria extirpando o lado podre estaria cortando seu próprio ombro.

Assim, não estamos mergulhando numa crise, somos produtivos, somos responsáveis, temos bons cursos de graduação, realizamos pesquisas relevantes, temos uma boa inserção na sociedade, estamos nos empenhando por enfrentar os dilemas existenciais do nosso tempo. Nos achamos, portanto, os melhores, e continuamos a fazer carreira.

Dentro desta lógica da ilusão, não há incoerências, ninguém está perdendo o sono, pois estamos sendo o máximo daquilo que queremos ser. É uma reflexão tautológica sempre se justificando, não gerando desconfiança, porque sentimos a convicção do valor do nosso trabalho. Kant disse que antes de realizarmos qualquer exercício racional, deveríamos questionar as nossas razões; fazer a crítica. Assim, perguntar-se pela legitimidade de qualquer atitude não nos torna críticos, apenas perseguidoras de justificativas.

O presente mais que perfeito da nossa universidade é o gerúndio, quem não conjuga sua existência desta maneira, faz discurso anacrônico.

Por isso o discurso de Miguel de Unamuno pode parecer aos desavisados um discurso fora de lugar.

O DISCURSO DE MIGUEL DE UNAMUNO

Em 1936, no início da Guerra Civil Espanhola, Unamuno era reitor vitalício da Universidade de Salamanca. No dia 12 de outubro daquele ano, durante uma sessão pública no campus universitário, o general Millán Astray fez um discurso veemente criticando os adversários do franquismo, sobretudo a ação dos intelectuais. É nesse discurso que o general profere o famoso grito: “Abajo la inteligencia! Viva la muerte!” Fez-se um silêncio gelado na assembléia. Ninguém ousara até então desafiar os militares e todos aguardaram, com expectativa a palavra do reitor. Desafiar o general seria o mesmo que desafiar o franquismo. A palavra de Unamuno não se fez esperar:

“Estais esperando minhas palavras. Me conheceis bem e sabeis que sou incapaz de permanecer em silêncio. Às vezes, permanecer calado equivale a mentir. Porque o silêncio pode ser interpretado como consentimento. Quero fazer alguns comentários ao discurso do general Millán Astray, que se encontra entre nós. Deixarei de lado a ofensa pessoal que supõe sua repentina contra bascos e catalões. Eu mesmo, como sabeis, nasci em Bilbao. O Bispo, queira ou não, é catalão, nascido em Barcelona. Porém, agora, acabo de ouvir o necrófilo e insensato grito ‘Viva a morte’. E eu que passei minha vida compondo paradoxos que incitavam a ira de alguns que não os compreendiam, devo lhes dizer, como conhecedor da matéria, que este ridículo

paradoxo me parece repugnante. O general Millám Astray é um inválido. Não é necessário que digamos isto em baixo tom. É um invalido de guerra. Também Cervantes o foi. Porém, desgraçadamente na Espanha, existem hoje mutilados em demasia. E se Deus não nos ajudar rapidamente aumentarão ainda mais. Me atormenta o pensar que o general pudera ditar as normas da psicologia das massas. Um mutilado que carece da grandeza espiritual de Cervantes. É de se esperar que encontra um terrível alívio vendo como se multiplicam os mutilados ao seu redor.”

Neste momento, o general gritou: “Abaixo a inteligência! Viva a morte”

“Este é o templo da inteligência. E eu sou seu sumo sacerdote. Estais profanando este recinto sagrado. Vencereis porque tens força bruta de sobra. Porém, não convencereis. Para convencer, há que persuadir. E para persuadir necessitareis algo que os falta: razão e direito na luta. Me parece inútil pedir-lhe que pense na Espanha.” ESTADO DE SÃO PAULO – FOLHETIM – 15.02.81 – p. 36

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA Para ler a história oral

ALBERTO LINS CALDAS
Edições Loyola

RESUMO: O livro tem duas estruturas. Na primeira, constitui uma crítica ao conhecimento, às naturalizações, universalizações e paradigmas da ocidentalidade, propondo uma Hermenêutica do Presente como instância de debate e resistência; na segunda, delinea o diálogo dessa Hermenêutica com a História Oral e, em especial, com a obra de José Carlos Sebe Bom Meihy, tentando superar os atuais impasses tanto da História quanto da História Oral, pondo em diálogo teorias, métodos e procedimentos em busca de uma maior autonomia das reflexões em torno da oralidade.

SUMÁRIO: A Natureza, Os Sentidos, O Olhar, O Corpo, A História, Ficção, Tempo e Memória, A Razão do Senhor, A Ciência, Empirismo, O Tempo da História Oral, Memória, Psicologia Textual, História Oral, Ficção e Realidade, Premissas Metodológicas, Procedimentos Gerais, Procedimentos Específicos, Comunidade de Destino / Colônia / Rede, O Projeto, As Gravações, A Entrevista, A Transcrição, A Textualização, A Transcrição, Interpretação e Leitura.

Áreas de interesse: História, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Letras.

Palavras-chave: Hermenêutica, História Oral, Metodologia, Texto, Interpretação.

LINKS

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças
<http://www.cbfc.com.br>

Núcleo de Estudos em História Oral - USP
<http://www.fflch.usp.br/dh/neho/index.html>

Setor de História Oral do CP-DOC/FGV
<http://www.fgv.br/cpdoc/historal.htm>

Laboratório de História Oral do Centro de Memória - Unicamp
<http://www.ssac.unicamp.br/suarq/cmu/cmu-laho.html>

Centro de Documentação e Memória/UNESP
<http://www.cedem.unesp.br/default.htm>

Laboratório de História Oral e Iconografia
<http://web4u.com.br/gph/labhoi.htm>

Centro de Estudos Rurais e Urbanos
<http://www.usp.br/prpesq/ceru.htm>

Programas "Memórias da Unicamp" - História Oral - SIARQ/Unicamp
<http://www.ssac.unicamp.br/suarq/siarq/programas.htm>

Centro de Memória da Justiça do Trabalho de Minas Gerais
<http://www.trt.gov.br/horal.htm>

Memória da Sociologia do Direito no Brasil/IDES
<http://www.alternex.com.br/~ides/pesq3.htm>

Memorial do Imigrante
<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br/historia.htm>